Revista Diversidade e Educação

SOBRE EXISTÊNCIAS: AS NARRATIVAS DE VIDA DE MULHERES TRANS E SEUS MODOS DE RESISTÊNCIA

SOBRE EXISTENCIAS: LAS NARRATIVAS DE VIDA DE MUJERES TRANS Y SUS MODOS DE RESISTENCIA

ABOUT STOCKS: THE NARRATIVES OF LIFE OF TRANS WOMEN AND THEIR MODES OF RESISTANCE

Itauane de Oliveira[1]
Moises Romanini[2]

RESUMO
Atualmente, a transexualidade é compreendida na literatura como um fenômeno que causa intenso sofrimento ao indivíduo, tendo em vista que há um sentimento de pertença a um determinado gênero que está em desacordo com o seu sexo biológico. Diante desse contexto, em que a transexualidade é tomada como uma experiência universal e patológica, realizou-se uma pesquisa de campo cujo objetivo geral foi o de compreender a forma como vão se construindo as trajetórias das pessoas transgêneros nas políticas públicas de saúde em um município do interior do Rio Grande do Sul. A partir da realização de 6 entrevistas narrativas com mulheres trans, nesse artigo buscamos reconstruir os aspectos cronológicos ou indexados de tais narrativas, apresentando suas histórias e experiências, fragmentos de vida que nos mostram que o corpo também é político. Cada uma delas, a seu próprio modo, vai construindo um cuidado de si, uma significação própria para a sua experiência. Assim, torna-se evidente não ser possível falarmos em uma experiência transexual universal, pois universalizar tais vivências seria capturar a dimensão mais bela e plural que existe em cada uma dessas vidas.

[1] Psicóloga (UNISC), Residente em Saúde Mental (UNISINOS).
[2] Psicólogo (UFSM), Doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

(cc) BY-NC-SA

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Gênero. Transexualidade. Transgênero. Narrativas.

RESUMEN
Actualmente, la transexualidad se entiende en la literatura como un fenómeno que causa un intenso sufrimiento al individuo, teniendo en cuenta que hay un sentimiento de pertenencia a un determinado género que está en desacuerdo con su sexo biológico. Ante ese contexto, en que la transexualidad es tomada como una experiencia universal y patológica, se realizó una investigación de campo cuyo objetivo general fue el de comprender la forma en que se van construyendo las trayectorias de las personas transgénero en las políticas públicas de salud en un municipio del interior de Rio Grande do Sul. A partir de la realización de 6 entrevistas narrativas con mujeres trans, en ese artículo buscamos reconstruir los aspectos cronológicos o indizados de tales narrativas, presentando sus historias y experiencias, fragmentos de vida que nos muestran que el cuerpo también es político. Cada uno de ellos, a su manera, construye un cuidado por sí mismos, su propio significado para su experiencia. Por lo tanto, se hace evidente que no es posible hablar de una experiencia transexual universal, porque universalizar tales experiencias sería capturar la dimensión más bella y plural que existe en cada una de estas vidas.
PALABRAS-CLAVE: Relaciones de Género. Transexualidad. Transgénero. Narrativas.

ABSTRACT
Currently, transsexuality is understood in the literature as a phenomenon that causes intense suffering, given that there is a sense of belonging to a particular gender that is at odds with their biological sex. Faced with this context, where transsexuality is taken as a universal and pathological experience, a field research whose general objective was to understand the way in which the trajectories of the transgender people in public health policies are being constructed in a municipality of the interior of Rio Grande do Sul. From the realization of 6 narrative interviews with trans women, in this article we seek to reconstruct the chronological or indexed aspects of such narratives, presenting their stories and experiences, fragments of life that show us that the body is also political. Each of them, in their own way, builds a care for themselves, their own meaning for their experience. Thus, it becomes evident that we cannot talk about a universal transsexual experience, because universalizing such experiences would be to capture the most beautiful and plural dimension that exists in each of these lives.
KEYWORDS: Gender Relations. Transsexuality. Transgender. Narratives.

* * *

Introdução

As expectativas que nutrimos sobre o modo como cada gênero – masculino e feminino – deve se comportar, nunca se dá de forma completa, pois os corpos nunca obedecem totalmente às normas pelas quais a sua materialização é engendrada,

(cc) BY-NC-SA

encontrando linhas de fuga e modos de resistência singulares, através das quais é possível encontrar importantes rupturas com o modelo binário vigente (BUTLER, 2009; ARÁN; ZAIDHAFT; MURTA, 2008; BENTO, 2006). Butler (2003) compreende o gênero como um efeito performático, que possibilita a constituição de uma inteligibidade social, bem como o reconhecimento de uma trajetória sexuada, que vai ganhando legitimidade em razão da repetição e reiteração das normas sociais postuladas. Assim, é necessário compreender por meio de quais normas reguladoras se materializam os sistemas sexo-gênero, a fim de que se possa desconstruir a ideia de uma verdade sobre o gênero.

No discurso médico, a transexualidade é compreendida como um fenômeno que causa intenso sofrimento ao indivíduo, tendo em vista que há um sentimento de pertença a um determinado gênero – feminino ou masculino – que está em desacordo com o seu sexo biológico, sendo, dessa maneira, a cirurgia transgenitalizadora a indicação terapêutica mais adequada. Partindo desse pressuposto, a cirurgia de readequação de gênero seria a solução e, até mesmo, a cura dessa suposta anormalidade, tendo em vista que ela readequaria o sujeito à norma binária vigente (LIONÇO, 2009). Conforme Bento (2006), o processo de avaliação pelo qual os/as transexuais passam para ter acesso à cirurgia opera na lógica de normatização de condutas, levando em conta que essas pessoas devem preencher determinados critérios que legitimarão a necessidade da cirurgia ou não. Tais critérios possuem em seu cerne o objetivo de identificar se tais pessoas são ou não verdadeiros/as transexuais, sendo que eles operam na lógica binária, procurando encontrar nos sujeitos características que os aproximem o máximo possível do modelo de mulher ou homem que é legitimado em nossa sociedade, reforçando, assim, os estereótipos de gênero vigentes e a lógica da heteronormatividade (LIONÇO, 2009).

O poder médico, portanto, não apenas regula o acesso aos recursos de saúde disponíveis para auxiliar as pessoas a superarem o desconforto que possuem com o próprio corpo, como também impede que algumas pessoas tenham esse acesso. Dito de outro modo, o que ocorre, é que para ter acesso à cirurgia transgenitalizadora é necessário passar por uma série de propostas terapêuticas, havendo também nesse processo, a imposição de diversas condicionalidades e critérios a serem preenchidos, com vistas a ajudar na realização de uma seleção mais fidedigna de quem pode ou não ter acesso a tal cirurgia. Com isso, algumas pessoas são impedidas de acessar esse

(cc) BY-NC-SA

recurso, e não encontrando outras formas de realizar tais procedimentos, acabam sob a égide da clandestinidade. Este impedimento é imposto àqueles indivíduos que não se adequam totalmente à proposta terapêutica regulamentada, ou que não demonstram plenamente o desejo de alcançar uma condição mais próxima da normalidade binária, no sentido de alinhar o gênero-sexo-desejo (LIONÇO, 2009).

Conforme Butler (2009), se, por um lado, é por intermédio do diagnóstico que as pessoas trans conseguem ter acesso às ferramentas necessárias para a realização da sua transição, o que pode ser um fator crucial para aumentar a autonomia dessa população, por outro, o diagnóstico faz várias pressuposições que comprometem essa mesma autonomia. Para a autora, o diagnóstico reforça a ideia de que as normas de gênero não foram assimiladas adequadamente por essas pessoas, o que indica que, de alguma forma, ocorreu uma falha ou um erro durante esse processo. Ele pode também reforçar a ideia de que as pessoas trans são acometidas por algo que elas não entendem, concebendo-as como pessoas que não possuem a capacidade de falarem sobre a sua própria experiência ou de escolherem sozinhas o que é melhor para o seu próprio corpo.

Destarte, o diagnóstico pode se configurar em um instrumento perverso, pois é somente a partir dele que as pessoas que vivem a transexualidade passam a ter a sua vida e a sua experiência legitimada, fazendo-as necessitar do reconhecimento do outro, a partir de uma perspectiva patologizante, para terem os seus direitos garantidos. Desse modo, elas precisam aprender a se apresentar a partir de um discurso que não é seu e que as apaga enquanto protagonistas de sua própria história, buscando enquadrá-las em rígidos critérios de seleção, deslegitimando a complexa singularidade presente em cada vida humana (BUTLER, 2009).

Diante desse contexto, esse manuscrito é resultado de uma pesquisa mais ampla, intitulada "(Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de pessoas transgêneros nas políticas públicas de saúde", cujo objetivo geral foi o de compreender a forma como vão se construindo as trajetórias das pessoas transgêneros nas políticas públicas de saúde em um município do interior do Rio Grande do Sul. A partir da construção de narrativas com pessoas trans, nesse artigo buscamos reconstruir tais narrativas, enfatizando a experiência e apropriação subjetiva que essas mulheres demonstram em suas histórias de vida. Cabe ressaltar que nosso intuito não é o de sermos "porta-vozes" dessas pessoas, buscando o reconhecimento dos outros para a legitimação dessas histórias e desses modos singulares de viver, mas o de utilizar esse recurso acadêmico da

(cc) BY-NC-SA

(re)escrita dessas trajetórias como um instrumento ético e político de reafirmação da diversidade e do direito de existir.

Para tal, na seção sobre os percursos metodológicos, buscamos apresentar e esclarecer nossas escolhas metodológicas. De uma breve explicação sobre as pesquisas qualitativas e participativas, passamos a discorrer sobre os métodos de construção e análise de dados propostos pela Entrevista Narrativa. Após, o manuscrito apresenta a reconstrução das seis histórias de vida, para, na discussão, problematizar aspectos que transversalizam as narrativas, sem o intuito de generalização. Por fim, retomamos os principais resultados da pesquisa e tecemos nossas reflexões sobre a pesquisa.

Método ou os Percursos Metodológicos: um caminho de (des)construção

No desenvolvimento dessa pesquisa buscamos nos desconstruir, enquanto sujeitos marcados pela identidade de gênero feminina e masculina, para construir um percurso metodológico com as pessoas que compartilharam conosco suas histórias. Com muito cuidado e delicadeza, escutamos essas histórias numa perspectiva crítica da Psicologia Social, visando não reproduzir discursos de cunho preconceituoso e discriminatório. Desse modo, optamos por construir uma pesquisa inserida no espectro das pesquisas qualitativas, mais especificamente das pesquisas participativas, um fazer pesquisa que tem como competência "o mundo da experiência vivida" (FERIGATO; CARVALHO, 2011, p. 640), estando em consonância com os principais objetivos do presente estudo.

Procurou-se estabelecer uma relação horizontal com as participantes da pesquisa, visto que elas são as principais atrizes na construção do saber sobre as suas próprias vidas, sendo, também, protagonistas fundamentais na construção do saber científico. Tal ideia parte do pressuposto de que "todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber" (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53), devendo haver, assim, uma articulação entre o saber popular e o saber científico, para que seja possível construir um terceiro saber novo e transformador.

Utilizamos, como forma de acessar as pessoas convidadas a participar de tal estudo, a metodologia denominada bola de neve. Optou-se pelo uso de tal metodologia em razão de que ela pode ser um importante instrumento em casos onde se quer encontrar populações de difícil acesso, como é o caso do presente estudo, ainda mais se considerarmos o fato de estarmos em uma cidade do interior do Estado. Tal

(cc) BY-NC-SA

metodologia parte de "documentos ou informantes-chaves" (VINUTO, 2014, p. 203), que são nomeadas como *sementes.* As *sementes* são as pessoas que auxiliarão o/a pesquisador/a a encontrar as pessoas com o perfil necessário para a realização deste estudo. Dessa forma, solicita-se que as pessoas indicadas pelas *sementes* indiquem outras pessoas, seguindo, assim, sucessivamente.

Tendo em vista a necessidade de delimitar o perfil das pessoas que foram procuradas para a realização desta pesquisa, definimos os seguintes critérios: foram aceitas somente pessoas maiores de 18 anos, que se dispusessem a participar da pesquisa de forma voluntária. Do mesmo modo, optou-se por ter como primazia a escolha de pessoas que se identificassem publicamente como pessoas transgêneros a fim de evitar qualquer mal-estar ou constrangimento na abordagem dos temas relacionados ao estudo.

Definiu-se, como instrumento a ser utilizado para a construção dos dados, as entrevistas narrativas. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2008), através das narrativas as pessoas podem rememorar aquilo que elas vivenciaram, delineando as suas experiências em certa sequência de tempo, e, assim, encontrando explicações que podem ressignificar aquilo que foi vivenciado. Seu principal intuito é "reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 93). Tal aspecto é bastante interessante, visto que o narrador acaba por falar sobre aquilo que ele considera mais importante, a partir da sua própria perspectiva de mundo, o que é de grande valia na construção de dados que sejam condizentes com a realidade própria do entrevistado.

Após a transcrição das entrevistas, tal material foi dividido em conteúdo indexado e não indexado. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2008), as proposições indexadas fazem menção a situações e acontecimentos concretos, que sejam referentes a um lugar e um tempo, enquanto as proposições não indexadas vão além de acontecimentos, expressando "valores, juízos e toda forma de uma generalizada sabedoria de vida" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 106). O presente artigo compõe um híbrido entre materiais indexados e não indexados, uma vez que as histórias de vida aqui apresentadas trazem, ao mesmo tempo, elementos e situações concretas, bem como as apropriações e saberes construídos a partir das experiências vividas. Essas trajetórias foram compreendidas sob a luz de referenciais teóricos pautados na Psicologia Social Crítica e com autores que dialoguem com a perspectiva da Esquizoanálise. Mais do que o diálogo estabelecido com os/as autores/as e suas teorias,

(cc) BY-NC-SA

o manuscrito foi enviado às participantes da pesquisa, sendo ofertado um espaço de troca, sugestões e críticas em relação à escrita. Portanto, esse manuscrito é resultado de múltiplas "mãos" que foram escrevendo e reescrevendo essas histórias.

Cabe ainda salientar que este estudo não tem como objetivo ocupar o lugar de protagonismo que é, por direito, dos movimentos sociais e militantes LGBT[3], assumindo o compromisso ético de estar aliado a esses movimentos na luta pelo fim do preconceito e da discriminação de gênero. Também é necessário ressaltar que se compreende que a maior parte da população transgênera ainda se encontra sob a égide da invisibilidade social, convivendo com uma maior exposição à violência e à vulnerabilidade social. Contudo, esta pesquisa não tem a pretensão de construir os dados sobre esta população, mas sim, com essa população, partindo do pressuposto de que o conhecimento científico deve ser construído coletivamente, levando em conta o saber que reside em todos os sujeitos. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de [nome extraído para garantir o parecer às cegas] sob CAAE nº [número extraído para garantir o parecer às cegas].

Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, pesquisamos sujeitos que fizeram parte da história de lutas pela garantia de direitos do público LGBT, especialmente pessoas trans. A cada nome apresentado, seguirá uma nota com a breve biografia da pessoa citada, também como uma forma de resgate desse protagonismo e pela necessidade constante que temos de enfrentar os efeitos nefastos da homofobia e transfobia. Após o texto introdutório dos resultados, seguimos com a apresentação das trajetórias de mulheres trans. Não limitamos a pesquisa às mulheres, mas no decorrer da pesquisa acabamos nos encontrando com seis mulheres, que compartilharam conosco suas histórias. Cada história aqui contada tem como título frases retiradas de composições da Mc Linn da Quebrada[4], cujas letras muito nos inspiraram na construção desse trabalho.

---

[1] Conforme Jesus (2012), reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição: a vivência do gênero como identidade, o que caracteriza transexuais e travestis, ou como funcionalidade, representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas. O presente estudo será referente às vivências de gênero identitárias, referindo-se as/aos transexuais e as travestis.

[4] Linn da Quebrada é apresentada em seu site pessoal como "artista multimídia e bixa travesty", que "encontrou na música uma poderosa arma na luta pela quebra de paradigmas sexuais, de gênero e corpo". Linn não se define, mas se apresenta como "bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero". Maiores informações no site: https://www.linndaquebrada.com/

(cc) BY-NC-SA

Resultados - Fugidios Trajetos: (re)construindo as narrativas de vida

Muitas foram as perguntas que nos perpassaram na construção das narrativas de vida que aqui serão apresentadas, afinal, deve-se atentar para o fato de que, por mais cuidado que se tenha na hora de narrar uma vida, algo sempre pode ser perdido. Dessa forma, buscou-se iluminar alguns pontos centrais nessas histórias, com o intuito de poder visibilizar as diferentes formas de viver a experiência da transexualidade. Apesar de haver muitos pontos de convergências nas histórias de vidas dessas mulheres, há um significado próprio e singular na forma como elas compreendem e vivenciam a transexualidade. Assim, procuramos romper com a hegemonia presente nos discursos da saúde, que se propõem a explicar o fenômeno da transexualidade de forma universal, a partir da patologização das identidades trans.

Para Benevides (2005), cabe aos profissionais de psicologia escolher quais são as intercessões que serão feitas entre a sua práxis e a sociedade na qual se está inserido, devendo sempre lembrar que é fundamental que as suas práticas "estejam comprometidas com o mundo, com o país em que vivemos, com as condições de vida da população brasileira e com o engajamento na produção de saúde" (BENEVIDES, 2005, p. 5). Nesse sentido, partindo da perspectiva que diz haver uma inseparabilidade entre psicologia e política, é de extrema necessidade a busca pela desconstrução dos preconceitos vigentes em nossa sociedade, pois "aí está um caminho a ser traçado, percorrido, inventado, se queremos, também nós, psicólogos, nos aliar aos movimentos de resistência que apostam na construção de um outro mundo possível" (BENEVIDES, 2005, p. 24).

Neste sentido, imbuídos do compromisso ético e político de lutarmos pela desconstrução do imperativo da heteronormatividade, e inspirados por Foucault (2003) e seu texto "*A vida dos homens infames"*, procuramos, ao visibilizar tais narrativas, transmitir ao leitor pelo menos um pouco dos afetos e da potência que nasceram do nosso encontro com esses poemas-vidas. Como Foucault (2003), gostaríamos que, a partir dessas narrativas, nascesse um misto de beleza e terror. Beleza ao perceber que a vida pode se expandir para além daquilo ao qual estamos habituados. Que há outros modos de viver e perceber o corpo, o gênero, a existência. Terror ao perceber as marcas que o preconceito e a discriminação deixam nas vidas destas pessoas, que lutam cotidianamente para ter a sua existência reconhecida, em meio aos tantos olhares, discursos, e palavras de julgamento. Terror ao perceber como é violento e perverso perpetuar o preconceito e a violência em nossos atos, discursos e relações cotidianas.

(cc) BY-NC-SA

Assim, apresentamos esses pequenos trechos, fragmentos de profundas narrativas de vidas, de histórias que nos mostram que o corpo também é político, e que sendo construído sob relações de poder, pode sim resistir.

Estou procurando, estou tentado entender, o que é que tem em mim que tanto incomoda você...[5]

> Teve uma situação da infância que eu me lembro bem [...]. Eu nasci em dezembro e meu irmão também, eu nasci no dia 20 e ele no dia 30, e meus pais nunca faziam uma festa para mim, faziam na data dele e diziam que era para comemorar o nosso aniversário, mas a festa era para ele[...]. Um dia eles resolveram fazer uma festa para mim. Minha mãe chamou os meninos da rua, e eu não lembro se eu estava com 8 ou 9 anos, e disseram assim: "ah, o primeiro pedaço de bolo vai para quem?". E eu nunca mais ganhei uma festa, porque o primeiro pedaço de bolo eu dei para um amiguinho meu lá da rua e aquilo foi a gota d'água, porque, a partir daquele momento, eles sabiam, eles sabiam que meu caminho era outro [...]. Eles tentaram mudar isso de todas as formas e justamente depois desse dia eu nunca mais tive festa de aniversário, justamente pelo medo do que poderia acontecer [...]. E hoje eles nunca me perguntam se eu tô me relacionando com alguém, se eu tô bem, se eu tenho sonhos, se eu tenho futuro, é como se eu não existisse, eu só existisse para eles nesse exato momento, como se eu não tivesse projeção de futuro, de construir alguma coisa, e isso é um vazio absurdo. Uma vez escutei do meu pai que é muito mais honroso ter um filho bandido do que gay.

Tais palavras ecoaram em nós durante dias após a entrevista, pois é sobre um caminho difícil que Dandara[6] fala. É sobre um caminho de perdas e abandonos. De pedras e espinhos. De preconceito e discriminação. De luta e resistência. Mesmo diante de tantos desafios, Dandara não se recolheu em si mesma. Mesmo com a desaprovação e sem o apoio de grande parte de sua família, desde muito jovem, sentia-se diferente e sabia que seu caminho era outro. Sabia que seu caminho divergia do caminho desenhado para ela, do caminho previamente planejado pelos outros, do caminho construído sob os discursos da heteronormatividade. E procurando compreender o que havia nela que tanto incomodava os outros, foi construindo para si a história de sua vida.

> Quando criança eu sabia que eu era diferente, mas em 1980 a gente não tinha noção do que a gente era, e meu pai é uma pessoa muito machista, ele me regulava o tempo todo -"senta direito, descruza as pernas, fala grosso, homem não é assim"-, e isso, querendo ou não, foi me podando de uma

[5] Trecho da letra de "Submissa do 7º Dia" – Mc Linn da Quebrada.

[6] Dandara dos Santos morreu com 42 anos. Travesti, cearense, foi espancada em uma das ruas de Fortaleza em fevereiro de 2017, tendo sido morta a tiros. Foi um entre os 115 casos de homicídios notificados de travestis no Brasil até o mês de setembro. Seu caso ficou conhecido porque ela foi filmada, enquanto era espancada por pelos menos quatro homens.

(cc) BY-NC-SA

> forma que eu não tinha mais expressão social nenhuma, eu não procurava mais amizade, eu me excluí mesmo. Depois de algum tempo de afastamento mesmo, da própria família, eu terminei optando pelo esporte como uma fuga, digamos assim, porque era o único momento que eu podia ter prazer com alguma coisa e não precisava dividir com ninguém, e não precisar depender de ninguém para fazer...

E foi nesse caminho, trilhado com cuidado e cautela, que, anos mais tarde, Dandara deu início ao seu processo de transição. Assim, em 2010, após ter concluído seu curso técnico, proclamou o seu grito de independência.

> [...] Me formei em 2007, comecei a trabalhar em 2008, trabalhei na mesma construtora até 2010, que foi quando eu dei o meu grito de independência. Algumas pessoas já sabiam né, eu já tinha conversado, outras não porque eu não tinha tornado público, e pensava "eu não vou começar a transição até ter certeza que eu tô bem na minha profissão, por que independente do que acontecer, eu vou ter a minha profissão".

A partir desse momento, deu-se início a um processo de descoberta, através do qual a cirurgia transgenitalizadora passou a fazer sentido em sua vida, em seu caminhar. Assim, buscou informações sobre onde poderia se realizar tal procedimento, encontrando-se assim com a cidade de Porto Alegre, e com a possibilidade da realização de seu grande desejo. Chegou no Rio Grande do Sul em 2014, na época com 38 anos, deixando sua cidade natal [situada na região nordeste], seu emprego e sua família, partindo na busca de reconstruir o seu próprio caminho. Contudo, no rascunho que rabiscou ao tentar traçar o seu percurso, Dandara não havia desenhado um tempo de espera tão grande. Não havia desenhado os tantos desencontros que havia por encontrar na sua busca pelo acesso à cirurgia.

Esperando há 3 anos pela cirurgia transgenitalizadora, e sem previsão de data para a sua realização, ela questiona o *cistema* ao qual ela é obrigada a se enquadrar para ter o seu acesso à cirurgia garantido. Questiona os critérios de avaliação para a realização da cirurgia. Questiona o jogo de verdades estabelecido pela heteronormatividade. Questiona o saber que tentam lhe impor. Questiona os jogos de normalização dos corpos ao qual é submetida. Questiona, com sabedoria, com propriedade, com senso crítico. E nesse tempo de espera na fila para a realização da cirurgia, passou a ter que lidar com outras esperas que parecem nunca ter fim. Nesse tempo que em está vivendo no Sul, deparou-se com uma extrema dificuldade em se colocar no mercado de trabalho. Em sua cidade, trabalhava no ramo da construção civil, a sua área de formação técnica. Aqui, no Sul, não encontra nem mesmo emprego em vagas mais precárias. Realizou o

(cc) BY-NC-SA

ENEM no ano de 2016, conseguindo uma bolsa de estudos para entrar em um curso da área da saúde, em uma Universidade no interior do Estado. Mudou-se de Porto Alegre para esta cidade, ingressando no ensino superior, encontrando, porém, extrema dificuldade de conciliar os seus horários na universidade com a exigências impostas pelo programa de transgenitalização.

Desse modo, sente-se cada vez mais distante da realização de seu sonho, estando cansada de ter que lutar para existir: *"*[...]*eu espero realmente parar com essa luta toda para começar a viver, porque enquanto eu tiver que provar que eu existo, eu não vivo".* De sua família sente muita falta, principalmente de sua mãe, que é quem lhe dá apoio e suporte emocional. A relação com seus irmãos e seu pai é muito difícil, o que a fez manter distância da maior parte dos membros de sua família. *"A esperança reside na ausência, se eu espero é porque eu não vivo, enquanto eu ficar alimentando uma coisa, é porque me falta".* Assim, constrói um caminho solitário, permeado por muitas faltas e distâncias. Distâncias geográficas, cronológicas, simbólicas. Distância entre a sua existência e as regras heteronormativas que regem o tecido social. Distância entre ela e sua família, entre a sua formação profissional e as ofertas de emprego, entre a sua experiência de vida e o discurso biomédico. Distâncias que compõem e fazem marca na sua subjetividade. Mas, apesar de todas as dificuldades e desafios, reside em Dandara uma potência de vida própria, singular. A força de suas palavras contrasta com a leveza de sua voz, contrasta com a sensibilidade que demonstra ter ao falar sobre a sua história, contrasta com os sonhos que nutre com cuidado. Palavras que exprimem a luta de Dandara para existir. Palavras que procuram dar contorno à sua existência, que dão forma à sua narrativa, que exprimem um pouco a sua desafiadora tarefa de ser. Em meio a protocolos, às esperas, ao abandono familiar, ao preconceito da sociedade, Dandara existe, resiste, se reconhece, se reconstrói. Transforma-se.

Bem que eu te avisei! Vou mandar a real. Sabe a minha identidade? Nada a ver com genital![7]

> Eu me tornei a Bruna, simplesmente eu não me identificava com aquele gênero e com aquele nome que me deram e tudo isso de forma muito natural, como se fosse um instinto. Eu nasci e brotou, como se fosse uma coisa de instinto, sabe, como sede, fome, não tem influência nenhuma, muito pelo contrário, o ambiente da minha casa, como eu disse, era muito masculino.

[7] Trecho da letra de "Pirigosa" – Mc Linn da Quebrada.

(cc) BY-NC-SA

Bruna[8] refere-se ao seu processo de transição como "tornar-se ela mesma". Transformar-se. Desembrulhar-se. Reconstruir-se. E nesse processo de aceitação, foi necessário uma série de rupturas, foi preciso romper com o binarismo de gênero para que fosse possível nascer novas possibilidades de vida. Rupturas que foram necessárias para que novas tessituras pudessem ser construídas. Rupturas que permitiram novas (des)construções. E nesse processo de ruptura com a heteronormatividade, Bruna precisou afirmar e reafirmar diversas vezes a sua identidade, posta em dúvida muitas vezes por seus pais e familiares mais próximos. *"Estava bem embaixo dos olhos deles"*, como ela mesma refere, porém, foi preciso tempo para que eles reaprendessem a olhar para Bruna, para que a redescobrissem enquanto mulher.

> Hoje eu tenho total aceitação deles, de todos da minha família, não há nenhum que faça distinção, porém é uma questão que não é só assim, uma questão de sorte [...]. A questão é que é muito triste. Um pouco, claro, é a cabeça deles que viram o óbvio, mas eu também sempre fui extremamente cuidadosa, eu sempre tive o extremo do cuidado, o cuidado com o horário, o cuidado em me portar direito, o cuidado com quem eu andava [...]. Eu nunca fui muito livre na verdade, não que eu quisesse fazer alguma coisa fora do comum, assim, mas eu sempre tive o extremo da educação e do cuidado, então eles sempre tiveram uma imagem boa de mim.

Para ser aceita pela sua família e pela sociedade, precisou adotar algumas estratégias de negociação, assumindo uma postura que, muitas vezes, acaba por restringir a sua liberdade, mas que por outro lado, lhe concede uma inteligibilidade maior no seu círculo social. Desse modo, sempre teve uma boa passabilidade[9], sendo sempre reconhecida como mulher, mesmo antes de realizar a cirurgia. Esta condição de reconhecimento foi muito importante no seu processo de aceitação de si mesma, sendo que a cirurgia, para ela, foi apenas mais um dos fragmentos que compuseram o seu poema vida:

> Porque eu tinha na minha cabeça pronta a ideia de que eu não ia mudar o mundo com a cirurgia, porque a cirurgia é uma coisa intima, pois se o ser humano tem vagina ou pênis tu não vê assim, só se a pessoa tire a roupa ou

[8] Bruna César, escritora, foi internada à força, de maneira violenta, em uma clínica psiquiátrica do Rio de Janeiro, em 2017. Seu caso ganhou notoriedade após denúncia de sua namorada, que referiu não existir nenhum motivo para a internação de Bruna, além do fato da mesma não ter a aceitação da sua família em razão da sua transexualidade. Desse modo, este caso está sendo investigado e pode ser configurado como cárcere privado. Há também denúncias em relação à conduta dos profissionais desta referida clínica, que teriam tido atitudes transfóbicas em diversos momentos de sua abordagem.

[9] O termo passabilidade se refere a "passar-se por" e é comumente utilizado para se referir a mulheres e homens trans que são reconhecidos como mulheres e homens cisgênero.

(cc) BY-NC-SA

> fale, então a cirurgia, eu tinha isso na minha cabeça, que não ia mudar o mundo, o mundo não ia ficar mais colorido, mais cor de rosa, mas claro que era uma aceitação para mim.

Para ela, a cirurgia foi um complemento na construção da sua identidade, auxiliando-a nas questões afetivas e amorosas e na reafirmação da sua identidade feminina. E mesmo contando com a aceitação positiva da maior parte das pessoas a sua volta, e se ver sendo reconhecida como mulher, dor e sofrimento também fizeram parte do seu caminho: *"*[...] *eu posso dizer que por hoje eu ter 34 anos, não ter me exposto muito ao preconceito, ter tido uma passabilidade razoável, mesmo assim eu sofri bastante, muito mesmo"*. Uma de suas maiores tristezas se refere à dificuldade em se colocar no mercado de trabalho. Suas experiências de trabalho lhe deixaram cicatrizes profundas, sendo que de cinco lugares em que ela trabalhou, em quatro ela sofreu algum tipo de preconceito, e em três acredita ter sido demitida em razão da sua identidade de gênero. Isso a leva a acreditar que é muito difícil uma pessoa trans encontrar lugar no mercado de trabalho, o que acaba levando muitas mulheres e homens trans a procurarem por empregos precários como modo de subsistência. Contudo, apesar das pedras que encontrou em seu caminho, ela acredita que mudanças positivas estão acontecendo nos últimos anos, no sentido de dar maior visibilidade para as questões trans:

> Então, é muito válido essa questão que tá sendo mostrado, porque o número é muito grande dessa população e o triste de tudo é que eu nunca sofri violência, porém o Brasil é o pais que mais mata, metade dos homicídios de pessoas LGBT é no Brasil. Teve um ano, 2016, se não me falha a memória, foram 360 pessoas LBGTs assassinadas e metade eram mulheres trans ou transexuais, então metade eram mulheres trans ou travestis, então é uma coisa que é bastante alarmante, então toda essa visibilidade muda e não muda ao mesmo tempo, porque muitas pessoas não querem entender, e muitas não aceitam mesmo, tem questões internas muito latentes em relação aquilo ali.

Assim, no caminho de buscar a aceitação do outro e de si mesma, Bruna segue, na sua aprendizagem de desaprender, tecendo o seu próprio caminho, buscando encontrar o seu lugar em uma sociedade cisheteronormativa. Resistindo e tornando-se ela mesma, todos os dias.

Baseado em carne viva e fatos reais, é o sangue dos meus que escorre pelas marginais... E vocês fazem tão pouco, mas falam demais[10]

[10] Trecho da letra de "Bomba pra Caralho" – Mc Linn da Quebrada.

(cc) BY-NC-SA

"A minha vida começou foi quando eu comecei a ter raciocínio lógico das coisas e eu fui percebendo que eu era uma ovelhinha diferente do rebanho". E foi percebendo e aceitando essas diferenças que Keila[11] foi construindo a sua história. No início da adolescência, começou a se sentir diferente dos/as demais a sua volta, passando a se sentir atraída afetivamente por meninos. Desse modo, na busca de tentar encontrar uma explicação para os seus sentimentos, resolveu assumir-se como homossexual para a família, iniciando, então, um processo de negociação entre a sua identidade e a aceitação dos outros. Falou primeiro para sua mãe e avó, que eram as pessoas mais próximas a ela e, posteriormente, para o seu pai. Mas sentia que havia mais a ser descoberto, e que seu processo de aceitação estava apenas iniciando-se:

> [...] Eu meio que menti para eles... então eu tive um outro processo até eu me encorajar pra contar... mas assim, comigo foi muito rápido, a minha transição, quando eu me senti à vontade pra contar, daí conversei com eles novamente "não, só gay não me basta, eu quero deixar meu cabelo crescer, eu quero deixar as minhas unhas crescer, eu quero me pintar, eu quero me vestir como uma mulher".

Lidando com seus próprios medos e anseios em relação ao seu processo de transição, foi construindo, junto com seus pais, modos de compreender e lidar com as transformações que estavam se iniciando. Assim, com o apoio deles, pôde se assumir na escola, enfrentando o preconceito e a discriminação de grande parte de seus professores e da própria instituição escolar:

> [...] O preconceito existe, tem dos colegas, mas a própria escola é preconceituosa. Os professores são preconceituosos, eu sofria mais preconceito com os meus professores do que com os meus colegas. Os meus colegas me chamavam de Keila e os meus professores faziam questão de dizer, na hora da chamada, o meu nome da certidão...então com isso eu sofria, porque dava um deboche na hora da chamada.

Contudo, apesar das dificuldades encontradas ao longo desse processo, sentia-se feliz, pois estava vivendo de acordo com os seus próprios sentimentos e desejos: *"mas assim, eu sempre tirei isso de letra porque mesmo assim eu era feliz, porque eu tava sendo eu mesma, entendeu".* Para Keila, nunca foi alto o preço a pagar para pertencer a si mesma, mesmo que este preço tenha que ter sido negociado e renegociado inúmeras vezes. Um dos motivos que a levou a realizar a cirurgia, foi em razão da dificuldade que

[11] Keila Simpson foi a primeira travesti a ocupar a presidência do Conselho Nacional LGBT, em razão de seus longos anos de militância pelos direitos da população LGBT.

(cc) BY-NC-SA

vinha encontrando em seus relacionamentos afetivos. Para ela, é muito difícil um homem assumir o desafio de namorar uma mulher trans, pois o preconceito e a discriminação se fazem presentes nesse e em muitos outros momentos.

Desse modo, para pertencer a si mesma, Keila precisou e precisa enfrentar a batalha diária que é existir em uma sociedade que não abre espaço para a sua existência, vivendo na carne as marcas deixadas pelo preconceito. Passou a ter crises de pânico, em decorrência do desgaste emocional que vinha sentindo ao tentar-se colocar no mercado de trabalho.

Para ela, o apoio dos seus pais foi sempre fundamental, pois lidar cotidianamente com as diversas portas que se fecham no seu caminho, foi e é algo muito doloroso. "[..] *Eu tenho amigas que não tiveram o apoio da família e elas precisam sobreviver, e a sociedade não te dá emprego, e as pessoas julgam as que tão nas esquinas trabalhando pra comer, pra ter uma casa pra morar... as pessoas não pensam que lá atrás tem uma história".* Keila sabe que a sua história não é a única e deseja que as coisas sejam diferentes, não só para ela, mas para outras mulheres trans também. Deseja encontrar um lugar, um espaço, onde não seja mais julgada pela sua identidade de gênero. Onde não seja mais olhada com estranheza. Onde possa pertencer a si mesma, apenas.

Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora, desobedeceu seu pai, sua mãe, o estado, a professora. Ela jogou tudo pro alto, deu a cara pra bater...[12]

> O que eu posso te dizer, que eu me lembro, é a partir de uns 8 anos, que eu sempre tinha um conflito dentro de mim, na verdade eu não sabia o que eu era, eu não entendia...naquela época não tinha esse boom de informações que hoje tem, tipo, tu vai na internet hoje e procura alguma coisa e "paf" e naquela época não e não tinha toda essa coisa da mídia, enfim...com 12 anos eu comecei a notar, assim, eu já tinha mais a maldade do mundo, eu comecei a notar que eu era diferente das outras pessoas, eu comecei a ver que eu não me enquadrava nos lugares, e eu não sabia o que era...[..] com 14 anos eu fui pra minha tia num carnaval e nesse carnaval eu vi as mulheres trans, as travestis, e eu pensei - "olha, é isso que eu sou" -, sabe quando tu olha para a pessoa e tu te identifica e pensa é isso que eu sou, eu acho que é isso [...].

Descobrir-se diferente. Reconhecer-se. Autoproclamar-se. Assumir-se enquanto mulher trans exigiu de Laerte[13] todo um processo de negociação, consigo mesma e com

[12] Trecho da letra de "A Lenda" – Mc Linn da Quebrada.
[13] Laerte Coutinho é uma cartunista e chargista brasileira, considerada uma das artistas mais importantes na área no país. Após 60 anos se expressando e se identificando como homem, passou a assumir-se como uma mulher trans. Em 2017 lançou um belo documentário, falando da sua nova fase de vida e do seu processo de transição.

(cc) BY-NC-SA

o mundo externo. Solitária, foi construindo seu caminho, dando passos lentos, pequenos e silenciosos: "[...] *e o que é que eu fiz, eu me assumi, primeiro me assumi enquanto gay, aí um ano depois exercitando, testando eles e entendendo realmente o que eu era eu me assumi enquanto trans... daí eu escutei coisas - "ah, pode ser gay mas não pode ser travesti"*-[...] *é bem difícil falar sobre isso* [...]*".* Ainda na adolescência, vivenciou um período bastante difícil e delicado, onde foi necessária uma constante luta por reconhecimento e aceitação. Não suportando mais conviver com o medo constante de ser descoberta, Laerte decidiu assumir-se como uma mulher trans, tendo que aprender a lidar com diversas violências na sua trajetória escolar: "[...] *depois que eu me assumi eu comecei a me rebelar na escola, na escola eu sofri diversas violações de direito, naquela época eu não tinha noção de que eu tinha direito, tipo eu brigava, xingava horrores, mas eu não tinha noção do que eram direitos meus feridos".*

Deparando-se com uma série de violências, o abandono da escola lhe pareceu um caminho inevitável. E nesse descuido prosseguido que é o viver, teve de enfrentar muitas noites escuras, ventanias e tempestades, na busca por encontrar-se consigo mesma ao longo do seu caminho. O preconceito e a discriminação lhe fizeram marcas profundas, e incidiram de forma direta no modo como ela enxergava a si mesma. Afinal, como se amar quando todos lhe dizem que você não pode e não existir da maneira que você é?

> [...] naquela época o problema não era eu, eram as pessoas me violando e a forma como eu lidava com isso...tipo eu tentava me auto punir, eu tenho marcas aqui, nos pulsos e nos pés, por tudo, eu tentei me matar 5 vezes, eu acho que eu só não morri porque vaso ruim não quebra, e foi bem complicado aquela época. Foi bem difícil aquela época, mas eu penso que me fortaleceu, eu acho que se eu não tivesse passado por tudo isso na minha vida eu não seria hoje a pessoa que eu sou, eu não seria a pessoa combativa.

E nessa travessia perigosa que é a vida, conseguiu reconstruir-se, reencontrar-se, reconhecer-se. Após muitas noites sombrias, encontrou-se com a luz do sol. Retomou os estudos, concluiu o ensino médio, ingressando no ensino superior com uma bolsa de estudos. Passou a ocupar espaços que, até então, não acreditava que eram possíveis de serem ocupados por mulheres como ela. Encontrou na militância um lugar onde pudesse ser escutada, respeitada, reconhecida.

> Foi todo um processo para eu chegar a ser a Laerte que sou hoje. Foi todo um exercício de empoderamento, de descoberta, de saber se impor, de lutar para ser quem eu sou, tanto que eu continuo lutando até hoje [...] e eu tento mostrar para as pessoas que há outras alternativas, que a gente tem direitos, que a gente não precisa se jogar nesse mundo, porque é fácil pra gente que é

(cc) BY-NC-SA

> trans [...] se a gente quer sexo, a gente tem, se a gente quer droga, a gente tem, a gente quer beber a gente tem, é muito fácil a gente conseguir essas coisas nesse mundo.

Porque há o direito ao grito, Laerte grita. Grita por seus direitos. Pelo reconhecimento. Pelo respeito. Carrega consigo a insustentável leveza de ser. De ser mulher. De ser transexual. De ser um coração batendo no mundo. De ser uma presença que marca, que toca, que afeta. Que resiste.

Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação... [...] e pro seu desgosto, está sempre em desconstrução[14]

"Enquanto ela fala eu a olho e procuro algo que denuncie aquelas cenas que ela descreve, algo que conecte a sua história com o seu corpo, com a sua imagem. Algo que me faça enxergar as marcas e as cicatrizes que carrega dentro de si. Não encontro" (Diário de Campo). É difícil conectar o peso de sua história com a doçura que há em seu semblante. Por isso, talvez, seja tão difícil para Larissa[15] lidar com os olhares que a ela são dirigidos. Olhares incertos. Para ela, lidar com a questão de não saber, não saber em que sentido o outro lhe dirige o olhar, é algo muito difícil. E apesar de tantas incertezas, Larissa foi construindo, ao seu próprio tempo, a sua subjetividade (sempre como algo provisório, um processo) e o seu modo de andar na vida, levando consigo os tantos itinerários que percorreu em seu caminho.

> Eu nasci e fui designada com o gênero masculino, mas assim, quando a gente é criança a gente nota e percebe que é diferente, mas não sei, vai passando o tempo e eu queria brincar com os brinquedos ditos femininos...a minha mãe nunca se importou, mas meu pai né, os vizinhos ficavam caçoando, mas não era alguma coisa muito assim aparente ou forte...teve alguns momentos assim que a minha mãe, meu pai não, mas a minha mãe intervinha dizendo "não, tu é um menino, não uma menina, porque rolava aquela identificação de eu pegar os signos femininos e usar, essas coisas assim.

Na escola, à medida que ia crescendo, tinha que aprender a lidar com a violência que lhe era dirigida. O seu envolvimento com a arte, mais especificamente com o teatro, foi uma possível via de expressão de seus sentimentos e angústias, pois, em casa, não

[14] Trecho da letra de "Mulher" – Mc Linn da Quebrada.
[15] Larissa, travesti de 31 anos, foi morta de forma brutal no centro de São Paulo, no ano de 2016. Transeuntes que passavam pela rua na hora do crime relatam que viram Larissa ser lançada para fora de um carro, com uma marca de bala no abdômen. Ninguém conseguiu localizar e identificar o carro e nenhum suspeito foi encontrado. Larissa, como tantas outras, tornou-se estatística em um país que lidera os rankings de violência e assassinato da população trans.

(cc) BY-NC-SA

encontrava espaço para um diálogo aberto, o que a fez sofrer sozinha durante muito tempo.

> Acho que nunca rolou comunicação, acho que nunca ninguém falou comigo, até porque a gente via que a nossa estrutura social ela é binária, heternormativa, e isso há 10, 15 anos atrás era pior ainda né...ninguém sabia, nem se falava sobre o que era identidade de gênero, essas coisas...então eu continuei na escola lá, sofrendo violências, apanhava, cuspiam no corredor, aquelas diversas violências físicas e morais, de todas...das meninas, dos meninos.

Ainda na escola, aproximou-se de duas travestis que moravam em sua cidade, passando a acompanhar de perto o cotidiano delas e seu trabalho na prostituição. Passou a visitá-las com frequência, sentindo-se acolhida neste espaço, pois ali podia experenciar o gênero feminino com liberdade. Foi nessa época que teve a sua primeira experiência na prostituição, passando a considerar este trabalho como uma opção para a sua vida. Nesse período, já havia iniciado o processo de hormonização sozinha, e começava a assumir uma identidade próxima à androginia. Assim, formou-se no ensino médio e ingressou no ensino superior, contudo, naquela época, ainda não havia sido estabelecido a política que permite o uso do nome social, de modo que Larissa tinha que conversar com cada um dos professores para que eles a chamassem pelo seu nome feminino.

Desse modo, parou de frequentar a faculdade após o término do primeiro semestre, pois não se sentia acolhida no ambiente acadêmico e o fato de ter que contar ou não com a compreensão de seus professores, quanto ao uso do nome feminino, era algo que a deixava extremamente insegura. Dessa forma, decidiu se mudar para uma cidade maior, passando a desfrutar de uma liberdade que até então não conhecia. Passou a morar em uma pensão com uma amiga que era garota de programa, o que a levou a também ingressar no mundo da prostituição. Continuou o seu processo de hormonização e, posteriormente, realizou a cirurgia de redesignação sexual.

Passou por muitas situações difíceis, sofrendo as mais diversas formas de violência, compreendendo este período da sua vida como um processo de marginalização: "[...] *mas enfim, essa fase foi bem isso mesmo, um processo de marginalização* [...] *eu acho que a gente tem introjetado isso de ser um ser abjeto naturalmente assim, então tu vai na rua ali, assim, inconsequência total"*. Durante cinco anos viveu a rotina do trabalho com prostituição, passando por diversas cidades e estados do Brasil. Conheceu muitas pessoas que, assim como ela, lutavam

(cc) BY-NC-SA

cotidianamente para sobreviver em uma sociedade que abre poucos espaços para aqueles que fogem à norma.

Depois de vivenciar muitos mundos, conhecer seus próprios abismos e reencontrar-se consigo mesma diversas vezes nesse caminho, Larissa decide retornar à sua cidade natal e recomeçar mais uma vez. Com o apoio de sua família, reingressa no ensino superior, aproximando-se de leituras e teorias que estudam e discutem a temática de gênero, o que é de grande valia no seu processo de reconciliação consigo mesma e com a sua história. Contudo, há dias em que Larissa sente-se uma estrangeira nessa terra de saberes. E, nestes dias, dias sem sol, noites sem lua, nenhum lugar é seu lugar. Como diria Galeano (2016), Larissa não consegue se reconhecer em nada nem em ninguém. Sente vontade de falar sobre os caminhos que percorreu. De falar sobre as marcas que a compõem. Sobre as experiências que vivenciou. Sobre a sua vida, a sua história, a sua luta. Contudo, em meio à frieza do mundo acadêmico, poucos são os espaços em que ela se sente acolhida para falar sobre tudo que vivenciou.

> [...] enfim, tu tem uma história, e eu vejo que eu tenho que aprender a ser dura, eu tenho que aprender a estar nesse espaço competitivo, eu tenho que me moldar e eu criei uma expectativa de ser um espaço acolhedor, na minha imagem mental assim [..] eu conto isso mas eu não tiro a minha parte na culpa, porque eu acredito que a gente pode transformar os espaços e não é discursinho assim, e eu acho que o espaço ali não é acolhedor, mas ele é neutro, acho que a maioria é assim, e tu vem com a tua história e as pessoas não estão acostumadas e elas vão tipo te ignorar [...].

Mas, como dissociar aquilo que foi vivido, e que deixou marca na carne, do futuro que se constrói? Como construir um futuro baseado no medo de não saber a reação do outro, daqueles que não sabem da sua história? Como fazer isso, se "tem horas antigas que ficaram muito mais perto que outras, de recente data?" (ROSA, 1994, p. 132).

> [...]e o meu projeto de vida pessoal com a faculdade é me empoderar sabe, com o conhecimento, poder sustentar "eu sou uma mulher trans e é isso, sabe", porque atualmente essas questões me perpassam e me incomodam, mas já melhorou muito assim, e eu espero estar mais preparada ainda com a graduação [...].

"Recordar: do latim re-cordis, voltar a passar pelo coração" (GALEANO, 2016, p. 11). Assim, Larissa constrói o seu futuro. Em uma constante negociação entre o que viveu, o que vive e o que deseja viver. Entre o que foi, o que é, e o que almeja ainda ser. Equilibra-se, nessa incerteza que é viver, que é lidar com o olhar alheio. Equilibra-se e

(cc) BY-NC-SA

aprende o que é amar-se, acolher-se, respeitar-se. A orgulhar-se de si mesma. Olho novamente para ela e ainda acho difícil reconhecer em seu semblante fragmentos de sua história. Mas agora, conhecendo a sua narrativa, consigo reconhecer em seu olhar a força de quem resiste. De quem carrega consigo uma intensa bagagem, que precisa ser dividida, compartilhada, para poder tornar-se mais leve. Que necessita de espaço, de escuta, de acolhimento. Que no miúdo dos seus passos compreende, que "a gente sempre cresce, sem saber para onde" (ROSA, 2008, p.65). E que isso é o mais bonito da vida.

Seu segredo ignorado por todos até pelo espelho... Mulher. [...] É sempre uma mulher?[16]

Candy Mel[17] me fala sobre a sua história com muita leveza e humor. Ela é uma daquelas pessoas que sorri com os olhos, com a boca, com o corpo todo. Que compartilha a sua vida de uma forma muito sincera, aberta e acolhedora. Ela é o exemplo da pluralidade que reside na forma de vivenciar e compreender a experiência transexual.

> [...] Eu nasci em 1996, e tenho hoje 21 anos. Eu me assumi com 12 anos, e resolvi contar porque o meu pai ia sair de casa. Ele e a minha mãe estavam se separando. Então eu me assumi para minha família, que logo me levou à psicóloga. E a minha transição começou bem devagar, foi primeiro deixando o cabelo crescer, usando uma ou outra roupa, usando uma peça, assim, aos poucos...

Para Candy, contar com a ajuda de uma psicóloga durante o processo de reconhecimento da sua identidade transexual foi algo de grande valia, pois ela acredita que ficou mais fácil para os pais aceitarem a sua transição com a ajuda de uma profissional. Contou também com a ajuda de sua irmã mais velha, que sempre esteve ao seu lado lhe dando afeto e carinho. Contudo, mesmo contando com o apoio de sua família, a primeira coisa que Candy pensou que teria que fazer, pelo fato de ser uma mulher trans, seria trabalhar com a prostituição: "*Quando eu comecei a me transformar, eu achei que eu teria que fazer programa, que a minha vida seria trabalhar com sexo, daí eu comecei a fazer* [...] *Eu tinha 13 anos, e comecei a fazer por site, por telefone, pela internet"*. Seguiu trabalhando com prostituição até os 16 anos, quando conheceu o

[16] Trecho da letra de "Mulher" – Mc Linn da Quebrada.
[17] Vocalista da Banda Uó desde 2011, Candy Mel foi a primeira mulher trans a fazer a campanha do Outubro Rosa, em 2015.

(cc) BY-NC-SA

seu primeiro namorado, com o qual manteve um relacionamento de cincos anos. Com o apoio dele e de sua família, foi em busca da realização da cirurgia de redesignação sexual e, durante este processo, conheceu outras mulheres trans que a inspiraram e a fizeram acreditar que poderia seguir outros caminhos:

> [...] Foi mais pela ajuda dele que eu tirei isso da minha cabeça, que eu não precisaria disso e também quando comecei lá no [local onde o acompanhamento com profissionais da saúde]. Aqui a cidade pequena, a gente acha que não tem disso, mas quando comecei lá tinha outras mulheres trans que trabalhavam, que eram formadas. Eram bem poucas que precisavam usar o programa para ter uma renda [...] Daí eu vi que não era só isso. Mas é bem difícil, pois eu vejo outras que não conseguem trabalho, ainda mais aqui que é cidade pequena.. Essa área de salão de beleza é que mais favorece a gente, para que a gente possa ter uma renda.

Desse modo, com 17 anos começou a trabalhar em um salão de beleza, onde permanece trabalhando até hoje. Nesse meio tempo realizou a cirurgia de redesignação sexual, sentindo-se bastante satisfeita após o procedimento*: "Eu fiz e me sinto muito bem, eu teria feito de novo se precisasse, fazer para mim foi a melhor coisa".* Assim, fala abertamente sobre a transexualidade e experiências de vida, preferindo não deixar dúvidas pelos caminhos que passa e nos encontros de vida que tem:

> [...] Não sei se é questão de defesa ou o que, mas quando eu chego em qualquer lugar eu já tento colocar respeito nas pessoas sabe, eu já pego e já falo logo, eu nunca tive problema com isso. Se precisar falar eu falo "sou trans". As pessoas às vezes ficam na dúvida, mas eu sempre tento passar, eu falo abertamente. Eu já falo logo para quebrar isso, para não deixar a pessoa confusa e para não me deixar confusa também, porque isso não é só ruim para a pessoa, mas é ruim para mim também.

Para Candy, não é "preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade que possui uma força revolucionária" (FOUCAULT, 2010, p.103). Assim, Candy resiste, acreditando na potência dos encontros de vida, na força que há em afetar e se deixar afetar pelo outro. Acreditando que é possível expandir a vida, os modos de existência, a gramática normativa que regula o sistema gênero-sexo. Que é possível lutar pela sua existência sem perder o humor, a graça, a alegria.

(cc) BY-NC-SA

Discussão – "Na mira, sigo perseguida. O corpo, as regras, as normas, evidência. Hetero, cis, burguês [..]. Essa moral em mim se desfez..."[18]

A pluralidade que reside nas narrativas apresentadas nos mostra que as explicações reducionistas, sejam elas de caráter biológico, patológico ou moralizante, não dão conta de explicar a complexidade e a heterogeneidade que há nas histórias de vida dessas mulheres. Para Lima (2014), não é possível pensarmos em uma experiência transexual universal, de modo que deveríamos nos referir às transexualidades no plural, no sentido de visibilizar os diferentes modos de vivenciar esta experiência. Para ela, utilizar tal artefato é de grande valia no sentido de assinalar a pluralidade e a heterogeneidade de vivenciar uma experiência que é "marcada por assujeitamentos, mas também por resistências, reinvenções, desestabilizações da matriz de inteligibilidade dos gêneros que estabelece compulsoriamente o contínuo corpo- gênero - sexualidade – desejo" (LIMA, 2014, p.64).

Contudo, é possível encontrar pequenos fios que tecem um caminho de encontro entre uma narrativa e outra, e entre a forma como essas transexualidades são vivenciadas. Apesar de todas as singularidades e especificidades de cada uma das histórias, algumas coisas são comuns a essas mulheres, e dizem muito sobre o modo como a sociedade vê e acolhe as pessoas que vivenciam esta experiência.

A necessidade de lutar pelo reconhecimento social, e até mesmo pela vida, é algo que se faz presente no cotidiano de grande parte da população trans brasileira. Conforme Bento e Pelucio (2012), como outros grupos e segmentos marginalizados em nossa sociedade, a população trans sofre com o preconceito, a discriminação e a violência, fatores que acabam dificultando o acesso dessas pessoas a empregos, educação, assistência social e saúde. Tais pontos aparecem, em alguma medida, em todas as narrativas apresentadas, seja na dificuldade de conseguir um trabalho formal, nos desafios enfrentados na escola e na universidade, ou mesmo no acesso à saúde e à cirurgia transgenitalizadora.

Segundo Simpson (2015), as pessoas trans sempre enfrentaram o preconceito e a discriminação existente em nossa sociedade, tendo em vista que tal população rompe com o imperativo social da heteronormatividade, sendo que este rompimento gera estranheza na maior parte das pessoas, que desconhecem os aspectos mais profundos relacionados a esta temática. Contudo, no caso de pessoas trans, tal estranhamento "se

[18] Trecho do poema escrito por Virgínia Gutzel, poetisa e mulher trans.

(cc) BY-NC-SA

traduz em assassinato dessa população" (SIMPSON, 2015, p.9), sendo que no âmbito da violência de gênero, o Brasil possui números alarmantes, ocupando um dos primeiros lugares no ranking dos países que mais cometem homicídios e violência contra a população trans. Segundo Bento (2014), a ONG Internacional *Transgender Europe* aponta que entre janeiro de 2008 e abril de 2013 foram contabilizados 486 mortes de pessoas trans, sendo que, somente no ano de 2013, foram notificados 121 casos de assassinatos desse caráter em nosso país. Algo que torna esse cenário ainda mais preocupante é o fato de que estes dados estão subestimados, visto que muitos atos de violência contra essa população ainda se mantem no anonimato e na invisibilidade, o que contribui para que não haja investigação policial adequada.

Outra questão que se encontra presente na maior parte das narrativas é o desejo da realização da cirurgia transgenitalizadora. Os motivos pelos quais elas procuraram pela cirurgia são diversos, não sendo possível afirmar que há uma razão única e universal que justifique essa procura. Todavia, é de grande relevância lembrar que a reivindicação pela cirurgia, bem como às diferentes modificações corpóreas que são intrínsecas ao processo de transição pelo qual passam as pessoas trans, se justifica, sobretudo, pela necessidade de garantir a possibilidade de inteligibilidade social (BENTO, 2006). Para Lionço (2009), a heteronormatividade, em conjunto com o binarismo essencialista de gênero, configura a raiz da inteligibilidade social, sendo que essas características são as responsáveis por dar sentido às expressões de gênero e sexualidade, fazendo com que tudo o que saia desse espectro, seja considerado anormal e abjeto. Para Arán, Zaidhaft e Murta (2008), a desconstrução de uma restrição normativa poderia ser valiosa para o surgimento de novas possibilidades de os sujeitos construírem a si mesmos, permitindo, assim, uma expansão de novas formas e modos de vida. Contudo, não se pode ignorar o fato de que o sujeito, enquanto um ser iminentemente social, necessita da aprovação do olhar do outro para ser reconhecido enquanto humano, sendo a legitimação do seu sexo e gênero algo fundamental para que esse processo de reconhecimento seja possível.

Dessa forma, podemos ver que em todas as narrativas há uma série de negociações envolvidas no processo de se assumir e se reconhecer enquanto uma mulher trans, sendo esse que esse processo ocorre lentamente, de forma progressiva. Para algumas das entrevistadas, a questão da passabilidade tem um grande valor, pois ser reconhecida como uma pessoa cisgênera lhes confere, de uma certa forma, uma

(cc) BY-NC-SA

maior aceitação social, pois o preconceito referente à transexualidade deixa de existir ou fica escamoteado. Cada uma delas dá um sentido e um significado diferente para a questão da passabilidade. Para Bruna, a passabilidade é a chave da inteligibidade social, já para Larisa é uma condição bastante ambígua, pois ao mesmo tempo que lhe confere o reconhecimento social, também a deixa na dúvida sobre o que as pessoas pensariam sobre ela se soubessem que ela é uma mulher trans. Já Candy prefere não deixar dúvidas quanto ao fato de ser uma mulher trans, compartilhando a sua experiência com as pessoas com as quais se encontra ao longo da vida.

Assim, percebemos que há um processo singular na forma como cada uma dessas mulheres vai construindo a sua subjetividade, sendo que esse processo é marcado pelas vivências e experiências singulares de cada uma delas. Para Deleuze (1992), fala-se em processo de subjetivação quando se leva em conta as diferentes maneiras pelas quais as pessoas ou as coletividades se constroem enquanto sujeitos. Para ele, estes processos só são validos na medida em que é possível fugir às capturas dos "saberes constituídos como aos poderes dominantes" (DELEUZE, 1992, p. 217). Dessa forma, a constituição de si enquanto sujeito é permeada pelas "linhas de fuga, os vazamentos, as resistências frente aos processos de assujeitamentos" (LIMA, 2014, p. 3). As resistências criadas por elas, bem como as linhas de fuga que cada uma delas cria para si, tem muita ligação com as suas histórias de vida. O fato de ter sido ou não acolhida pela família, bem como conseguir se inserir no mercado de trabalho formal, ou o período em que elas iniciaram o seu processo de transição, são fatores que fazem marca em cada uma delas de forma diferente, nos sinalizando, mais uma vez, que é impossível pensar em uma experiência transexual universal.

Destarte, cada uma delas, a seu próprio modo, vai construindo um cuidado de si, uma significação própria para a sua experiência. Para Foucault (2006), para que se possa praticar a liberdade adequadamente, é necessário ocupar-se de si mesmo, no sentido de construir um conhecimento sobre si mesmo, uma ética própria, levando em conta as normas que produzem o regime de verdades ao qual estamos submetidos. Em vista disso, os significados que elas dão para as suas experiências, as negociações que elas fazem consigo mesmas e com as outras pessoas ao seu redor, bem como a forma como elas escolhem vivenciar a experiência da transexualidade, são partes da construção de um cuidado de si. São partes da construção de práticas éticas, estéticas e políticas de estar e viver no mundo. Assim, mais uma vez, torna-se evidente não ser possível falarmos em uma experiência transexual universal, pois universalizar tais

(cc) BY-NC-SA

vivências seria capturar a dimensão mais bela e plural que existe em cada uma dessas vidas.

Considerações Finais

Entre o binarismo essencialista de gênero e a heteronormatividade, percebemos, através da reconstrução dessas narrativas de vida, que existem diversas formas de resistir e existir. Em comum nas histórias dessas seis mulheres, deparamo-nos com o desejo de acessar a cirurgia transgenitalizadora. Entretanto, até alcançar esse direito, essas mulheres precisam (ou precisaram) se submeter às regras do processo, tendo como um de seus critérios a passabilidade. Essa, tão controversa, pois, para se sentir livre é necessário adequar-se o tempo todo ao binarismo de gênero e "passar-se" socialmente por mulher[19].

Dentre tantos outros aspectos importantes que surgiram nessas histórias, destacamos o paradoxo ausência/presença de instituições que marcam a vida dessas mulheres e as subjetivam. Família, escola, comunidade, universidade, serviços de saúde, trabalho. Todas elas marcam presença, de forma perversa, na tentativa de constituição de um sujeito cisgênero. São corpos que devem ser doutrinados para seguir à risca os estereótipos de gênero atribuídos ao sexo biológico. Ausência de acolhimento. Quando seus corpos não são inteligíveis socialmente, suas vidas deixam de ser necessárias. A família que não aceita; a escola que expulsa; professores universitários que não compreendem; o mercado de trabalho que se fecha. Violência estrutural traduzida concretamente nos números de homicídios de pessoas trans e travestis no Brasil. Violência que oprime, mas que se faz resistir nessas vidas que se reinventam cotidianamente.

Por isso tudo, acreditamos que falar sobre a experiência transexual é algo que exige extremo cuidado e delicadeza, principalmente quando é realizado por pesquisadores que não vivenciam tal experiência. Desse modo, este artigo teve como proposta visibilizar as histórias de vida dessas mulheres trans, procurando manter durante todo o percurso de (des)construção deste trabalho, o compromisso ético e político que é necessário ao se discutir esta temática. Optou-se por utilizar entrevistas narrativas como metodologia de construção dos dados, tendo em vista que este método

[19] A discussão sobre os percursos nas políticas públicas de saúde, bem como a problematização sobre o aspecto compulsório do tratamento até a cirurgia transgenitalizadora foi realizada em outro artigo.

(cc) BY-NC-SA

possibilitaria a essas mulheres reconstruir suas histórias da forma mais aberta possível. Nesse sentido, o método escolhido mostrou-se promissor para esse estudo.

Cabe destacar que não tomamos as narrativas como uma transcendência, mas como experiência imersa em um processo, sempre fluido, em (re)construção e desconstrução constantes, colocando em cena os modos de existir e resistir dessas seis mulheres. Embora possa ser considerada uma limitação o número de entrevistas, entendemos que elas funcionaram não apenas como uma forma de visibilizar tais histórias, mas de problematizar a transexualidade enquanto uma experiência universal e codificada pelos manuais diagnósticos da área da saúde.

Precisamos considerar também que essa pesquisa é resultado de um encontro de dois pesquisadores cisgenêros, mulher e homem, estrangeiros a essa experiência trans. E nossas vivências enquanto pessoas cis, foram afetadas por histórias de pessoas trans. As narrativas dessas mulheres foram explodindo nossas verdades, uma a uma, e problematizando o *cistema*, o qual vivemos e não nos damos conta dos privilégios que temos pelo simples fato de nos adequarmos ao gênero que nos foi imposto. Nossas performances foram interrogadas na experiência dessa pesquisa. Com essas interrogações e deslizamentos, temos apenas uma certeza, a do nosso desejo de resistência e existência dos diferentes modos de ser e estar no mundo. Parafraseando Linn da Quebrada, '*batemos* palmas para *as pessoas* que lutam para existir, e a cada dia batalhando, conquistar o seu direito de viver, brilhar e arrasar'.

Referências

ARÁN, Márcia; ZAIDHAFT, Sérgio; MURTA, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 70-79, 2008 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100008 Acesso em 08 dezembro 2017.

BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 21-25, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822005000200004&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 08 de dezembro 2017.

(cc) BY-NC-SA

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.* Rio de Janeiro : Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. Brasil: País do transfeminicídio. *Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.* UERJ. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf Acesso em 8 de dezembro de 2017.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012 . . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017 Acesso em: 8 dezembro 2017

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Rev. Ed. Popular,* Uberlândia, v.6, p. 51-62, 2007. Disponível em http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988 Acesso em: 5 dezembro de 2017.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. *Physis***,** Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 95-126, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100006&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 08 dezembro 2017.

_____ *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações.* São Paulo: Editora 34, 1992.FERIGATO; Helena Sabrina; CARVALHO, Sérgio Resende. Pesquisa Qualitativa, cartografia e saúde: conexões. *Interface (Botucatu),* São Paulo, v.15, n. 38, p.663-675, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832011000300004&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 08 dezembro 2017.

(cc) BY-NC-SA

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. Prefácio - Anti-Édipo: introdução à vida não-fascista. In: *Ditos e escritos: Repensar a Política.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de resistência. In: *Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GALEANO. Eduardo. *O livro dos abraços.* Porto Alegre: L&PM, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.* Brasília, 2012. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989 Acesso em 08 dezembr0 2017.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático.* 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIMA, Fátima. *Corpos, Gêneros, Sexualidades: políticas de subjetivação: textos reunidos.* Porto Alegre: Rede Unida, 2014.

LIONÇO, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. *Physis,* Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 43-63, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100004 Acesso em: 05 dezembro 2017.

ROSA. Guimarães João. *Primeiras Estórias.* Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

ROSA. Guimarães João. Guimarães João. *Grande sertão: veredas.* Rio de Jairo: Nova Aguilar, 1994.

SIMPSON, Keila. Transexualidade e travestilidade na saúde.. In: BRASIL. Ministério da Saúde. *Transexualidade e travestilidade na saúde.* Brasília: Ministério da Saúde, 2015. p.9-16.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temática,* Campinas, v.44 nº 22, p. 203-220, 2014.

Recebido em junho de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.

(cc) BY-NC-SA